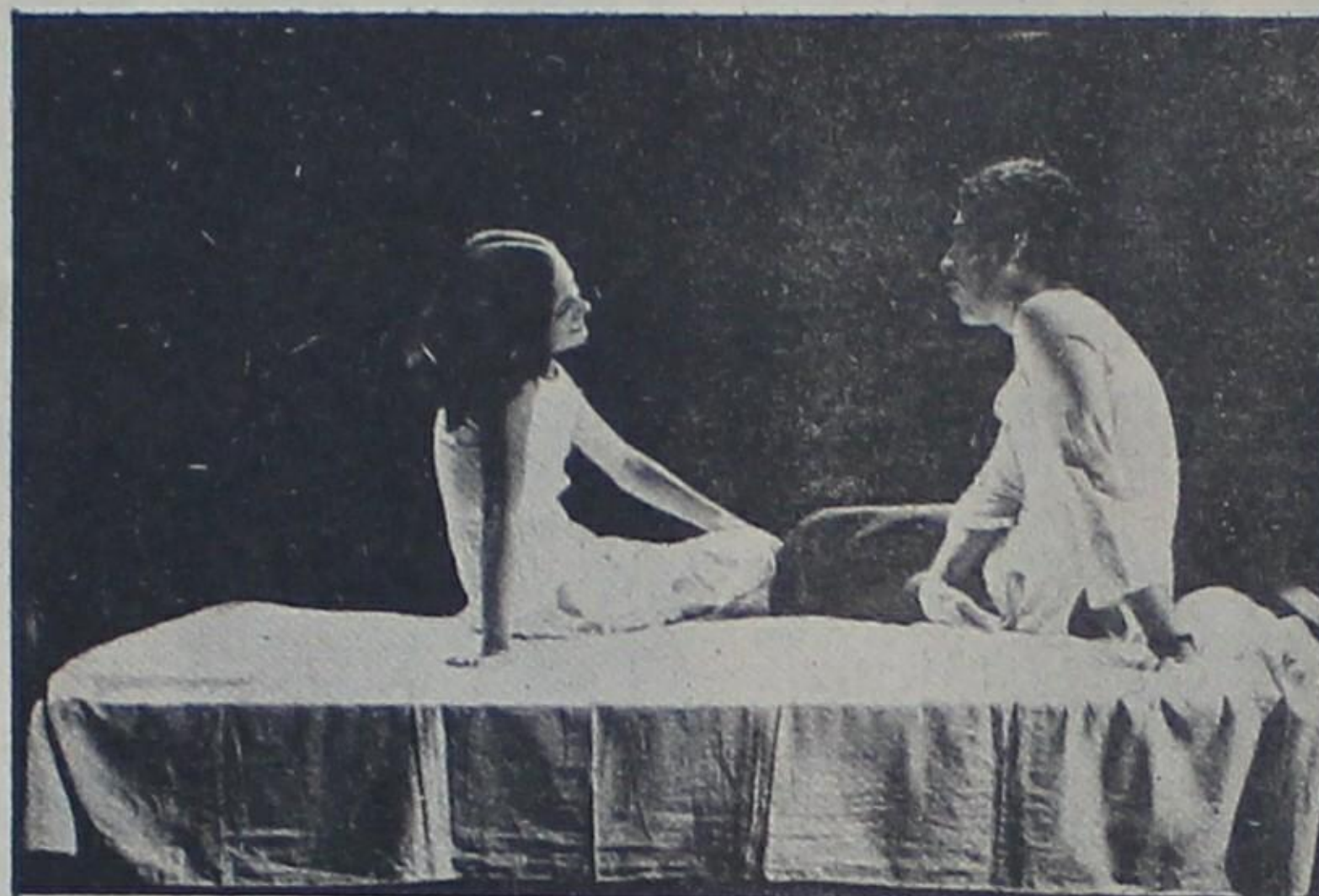


A opinião do diretor de "Mamãe Desce ao Inferno"

Renato Saudino mostra sua visão sobre o texto de Amylton de Almeida

MAMAE DESCE AO INFERNO (hoje e amanhã, às 21 horas, no Teatro da Scav, ao lado do Colégio Salesiano, avenida Beira Mar) — Peça de Amylton de Almeida. Montagem do Grupo Terra. Direção: Renato Saudino. Cenário: Maurício Silva. Figurinos: Eussa Gil, Florenza Monjardim e Renato Saudino. Sonoplastia e cartaz: Luiz Furlane. Iluminação: Ari Roas. Elenco: Florenza Monjardim, Cássia Menezes, Gley Coutinho, Márcia Gaudio, Ana Segall, Magno Godoy, José Augusto Loureiro, Antário Filho, Nilton Lima Neto, Luiz Cláudio Gobbi, Moyara Machado, Marcelo Ferreira, Elza Chaves, Oséas Correa e Viviane Pavan. O texto foi o vencedor do II Concurso Capixaba de Dramaturgia — Prêmio Cláudio Bueno Rocha/81.

O diretor da montagem, Renato Saudino, fala sobre a peça: "A princípio, quando o grupo começou a discutir, havia impressão de que o texto era muito frio, isso na opinião do grupo. Na minha opinião, era uma peça reta, monocórdia. A partir dessa possibilidade que o texto oferecia e que poderia ser um fator negativo, vi que, ao contrário, poderia ser um aspecto positivo. Vi que esse tom de neutralidade permitiria um trabalho mais forte de direção, de técnica, de trabalho de ator, podendo virar a peça, o que realmente aconteceu. Por exemplo,



Ana Segall e Magno Godoy: os irmãos recordam a adolescência



Cássia Ribeiro, Márcia Gaudio e Florenza Monjardim, as cartomantes

o segundo ato, quando você lê, constata que é muito mais frio que o primeiro. Na montagem, o segundo ato cresce desabaladamente. Acredito que o segundo ato, realmente, vai botar para quebrar, dentro da montagem da peça, porque oferece condições de trabalhar mais, clareando as coisas, reforçando nas tintas, o que Amylton não colocou. Ele colocou o texto e esse vai adquirindo cor de acordo com a montagem do espetáculo, as coisas vão aparecendo aos poucos e ficando cada vez mais fortes até o final, que é uma coisa bem furiosa.

As pessoas que já viram se arrepiaram em determinados momentos da peça e relaxaram em outros. Isso está dentro da nossa proposta quando definimos a mudança das cenas. Ou seja: quando a tensão é grande, joga-se um pouco

de água fria, que é para não ficar uma coisa muito carregada, muito dramática, melodramática. Então, a peça cai quase que num deboche nesses intervalos.

Acho que o texto coloca, de mais forte, o relacionamento família com família e família com sociedade, que é o país. Esse relacionamento familiar é tratado dentro da peça muito delicadamente, muito sensivelmente, o relacionamento entre pai, mãe, filhos, cunhado. Até que ponto esse padrão família permanece ou é uma estrutura que se autoflagela para se garantir? Acho que esse é o ponto principal. Dina (a mãe) é um personagem que reflete todas as tendências não ufanistas, mas habituais dos fatos, do país. O choque maior está em Dina, seguindo as regras da mãe, da família, e, ao mesmo tempo, sabendo que está

destruindo o filho. O pai, sabendo que o filho está sendo destruído e, assim mesmo dando apoio. É uma peça de família, da tensão da família. Dentro dessa família, a relação de poder entre Bruno e Dina é muito forte. Se você for fazer um paralelo entre o comportamento dos dois constatará que são quase opostos. Na realidade, o que Dina faz no controle de toda família, na influência que ela exerce, é o que Bruno gostaria de fazer, só que com outra ideologia, a ideologia que ele acha correta, que é aquela da sua geração.

Quando Bruno fala na peça que vai surgir em breve um comportamento do silêncio, acho que isso está relacionado com o tempo. Bruno morre mais ou menos no final de 1977, início de 78. Quando ele fala que a geração vai ser

silenciosa, acho que isso é a transição dessa geração pós-revolução, à qual Bruno pertence, e a geração de agora, a da abertura. Quando se pergunta a Bruno se ele vai sair por aí pegando em armas, ele diz: não, a minha luta é diferente, vai ser feita em silêncio. Essa citação, que ele faz sobre as antenas que vão surgir para ligar as pessoas é uma ideologia que fica pairando sobre a geração de Bruno, mas que só vai realmente conseguir descer, ser admitida numa frequência na próxima geração, que é simbolizada pelo "menino do Rio", que é um babaca, um taxi-boy, dentro da peça, mas ele sai da casa, deixa a família, o centro das relações e sai com uma ideologia própria, ou seja, a geração do monossilabo, do "tudo bem", do "legal". Embora essa geração pós-Bruno fale pouco, acho que ela está entendendo alguma

coisa, está se estruturando e, aí, está a esperança.

Mamãe Desce ao Inferno é uma peça política. Ela traz para dentro de casa, para a prática, toda a ideologia da repressão política, que é aplicada dentro da família, por Dina, pelo policial, pelo cunhado como um agente repressor. Todo o tom da peça tem a ver com a ideologia que Bruno prega, os pontos políticos que ele defende. Mostra o período da repressão, do entrave político, da alienação obrigatória, onde ninguém pode falar nada e colocar isso na prática, acontecendo dentro da casa de uma família. Mudam os torturadores, as técnicas, de tortura, mas o momento é o mesmo. A peça não fala da repressão em cadeias, em porões, em salas especiais, etc., mas, sim, da repressão dentro de casa. Mostra os reflexos do momento político dentro de uma família. Acho que aí a coisa começa a clarear. Tem torturador, tem tortura, tem, mas não é só lá, não, aqui, dentro de casa, emprega-se os mesmos métodos, de uma forma talvez mais delicada, mais convencional mais aparência, ou seja: estou lhe torturando, mas eu preciso ser mais mãe... eu sou seu irmão, não odeio você, mas você me imita... seu seu cunhado, mas vou lhe destruir. A avó chega a amaldiçoar o neto que vai nascer, levantando a possibilidade de ele ser também uma criatura reprimida", conclui Renato Saudino.